


## O curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) sob o signo da renovação: um ensaio sobre o “balanço historiográfico” da professora Denise Mattos Monteiro e a temporalização da história da historiografia norte-rio-grandense

The History Program at the Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) under the Sign of Renewal: An Essay on the "Historiographical Balance" of Professor Denise Mattos Monteiro and the Temporalization of the History of Historiography in Rio Grande do Norte

Bruno Balbino Aires da Costa

 <https://orcid.org/0000-0003-3538-182>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

**Resumo:** No dia 27 de maio de 2004, ocorreu a mesa-redonda intitulada *Balanço da Historiografia Norte-Rio-Grandense*. Essa atividade fez parte do *I Encontro Regional da Associação Nacional dos Professores Universitários de História* (ANPUH), realizado entre os dias 25 e 29 de maio, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal-RN, cuja finalidade principal era o de criar um espaço para a discussão sobre o saber histórico produzido no Estado do Rio Grande do Norte. Com o intuito de refletir sobre o assunto, a professora Denise Mattos Monteiro e as suas colegas do Departamento de História (DHI) da (UFRN), Marlene Mariz e Fátima Martins Lopes, propuseram a referida mesa-redonda. Essa foi a primeira ocasião em que a história da historiografia potiguar foi discutida por historiadores profissionais. Diferentemente de suas colegas de departamento, a professora Denise Mattos Monteiro construiu sua fala a partir de um texto cujo título é homônimo ao da mesa-redonda, voltado para o aprofundamento da reflexão em torno da história da historiografia norte-rio-grandense. Nesse texto, Denise Monteiro destaca, como um dos capítulos dessa historiografia, a “renovação” ocorrida no curso de História da UFRN, mais especificamente, no que se refere ao quadro docente da instituição. Este artigo objetiva analisar como a escrita da história de Denise Monteiro, particularmente, em seu texto “Balanço da historiografia norte-rio-grandense” (2006), estabelece uma temporalização da história da historiografia, tendo como um dos seus principais marcadores, o curso de História da UFRN.

**Palavras-chave:** História da historiografia norte-rio-grandense; Balanço historiográfico; Curso de História; Renovação.

**Abstract:** On May 27, 2004, the roundtable titled *Balanço da historiografia norte-rio-grandense* was held. This activity was part of the *I Encontro Regional da Associação Nacional dos Professores Universitários de História* (ANPUH), occurred from May 25 to 29 at the Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), in Natal-RN. The main purpose of the event was to create a space for discussion about the historical knowledge produced in the state of Rio Grande do Norte. To reflect on this topic, Professor Denise Mattos Monteiro, along with her colleagues from the Department of History (DHI) at UFRN, Marlene Mariz and Fátima Martins Lopes, proposed the aforementioned roundtable. This was the first time the history of North-Rio-Grandense historiography was discussed by professional historians.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Unlike her department colleagues, Professor Denise Mattos Monteiro structured her presentation based on a text that shares the same title as the roundtable, focusing on a deeper reflection on the history of North-Rio-Grandense historiography.

In her text, Denise Monteiro highlights the “renewal” of the UFRN History program, particularly in relation to the institution's faculty, as one of the key chapters of this historiography. This article aims to analyze how Denise Monteiro's historical writing, particularly in her 2006 text “Balanço da historiografia norte-rio-grandense”, establishes a periodization of the history of historiography, with the UFRN History program as one of its main milestones.

**Keywords:** *History of North-Rio-Grandense Historiography; Historiographical Assessment; History Program; Renewal.*

## Introdução

Era uma quinta-feira à noite, mas não um dia qualquer. Era 27 de maio de 2004, mais um dia de atividades realizadas no *I Encontro Regional da Associação Nacional dos Professores Universitários de História* (ANPUH<sup>1</sup>), ocorrido entre 25 e 29 de maio em Natal-RN, mais precisamente, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Um pequeno adendo antes de prosseguir: apesar de existir desde 7 de agosto de 1986, a seção do Rio Grande do Norte da ANPUH só conseguiu reunir condições materiais para realizar o seu primeiro evento estadual dezoito anos depois de sua fundação (ROCHA, 2006). Portanto, não era um encontro qualquer. Foi, talvez, o mais importante congresso de historiadores profissionais ocorrido, até então, no estado.

Volto a data de 27 de maio de 2004. Nesse dia, a professora Denise Mattos Monteiro compôs uma das mesas-redondas do *I Encontro* intitulada “Balanço da historiografia norte-rio-grandense”, ao lado de suas colegas do Departamento de História (DHI) da UFRN, Marlene Mariz e Fátima Martins Lopes. Pela primeira vez, a história da historiografia potiguar foi discutida por profissionais da história.

Como sugere o próprio título da mesa-redonda, cada uma das participantes deveria refletir acerca da produção historiográfica norte-rio-grandense. A proposição temática dessa comunicação alinhava-se com a finalidade geral do evento: “proporcionar a profissionais e estudantes de História um espaço para a discussão do saber histórico produzido no Estado do Rio Grande do Norte” (ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 2006, p.5) Nesse sentido, a palestra da professora Marlene Mariz (2006) deteve-se em fazer um breve levantamento cronológico de autores e obras cujo objeto de reflexão era o Rio Grande do Norte, evidenciando a contribuição de cada um deles e delas para a “evolução” do saber historiográfico potiguar. A professora Fátima Martins Lopes (2006) dedicou-se à discussão acerca das fontes que haviam sido utilizadas e dos usos destas pelos sócios do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN).

Diferentemente de suas colegas de departamento, a professora Denise Mattos Monteiro construiu sua fala a partir de um texto cujo título é homônimo ao da mesa-redonda,

<sup>1</sup> É importante ressaltar que, a partir de 1993, o nome da entidade passou a se chamar Associação Nacional de História, mantendo-se, todavia, o acrônimo. Com vistas a preservação da cor local, resolvi manter a grafia original presente na documentação.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

voltado para o aprofundamento da reflexão em torno da história da historiografia norte-rio-grandense. O texto não era totalmente inédito. Na verdade, a maior parte das reflexões nele presente, já havia sido apresentada em uma outra oportunidade: na ocasião de sua palestra na semana universitária da Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN), hoje Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no dia 29 de setembro de 1995 (MONTEIRO, 1995, não publicado).<sup>2</sup>

Apesar de não ser um texto completamente novo, pois trata-se de uma espécie de atualização e ampliação das ponderações da palestra de 1995, Denise Mattos Monteiro leu-o e tornou-o conhecido para um público bem mais amplo, se comparado ao da semana universitária da Universidade Regional do Rio Grande do Norte. Pode-se considerá-lo como um marco, em grande medida porque representou um dos primeiros esforços de disponibilizar ao grande público da comunidade historiadora do Rio Grande do Norte, um exame sobre a história da historiografia norte-rio-grandense de forma sistemática e crítica. Nesse texto, Denise Monteiro destaca como um dos capítulos da história da historiografia potiguar, a renovação ocorrida no curso de História da UFRN, mais especificamente, no que se refere ao quadro docente da instituição.

Este artigo objetiva analisar como a escrita da história de Denise Monteiro, particularmente, em seu texto “Balanço da historiografia norte-rio-grandense” (2006), estabelece uma proposta de temporalização da história da história potiguar, tendo como um dos seus principais marcadores, o curso de História da UFRN.

### **O Balanço historiográfico como gênero**

O objetivo do texto de Denise Monteiro e, por conseguinte, de sua fala no *I Encontro da ANPUH-RN*, como o próprio título sugere, era fazer um “balanço historiográfico”. Essa forma narrativa era bastante usual entre os historiadores brasileiros do século XX, dedicados ao estudo da história da historiografia brasileira (FREIRE, 2020). Os costumeiros balanços periódicos caracterizaram uma certa forma de trabalho historiográfico realizado no Brasil, especialmente, nas décadas de 1960 e 1970, interessada em dar uma visão de conjunto do que foi produzido sobre a escrita da história em um determinado período específico (ano, décadas etc.), seja assinalando “datas representativas de eventos, obras e historiadores”, seja dirigindo-se “para o atendimento de projetos específicos” (LAPA, 1985, p.51). Não se tratava de fazer, apenas, uma espécie de “estado da arte” do conhecimento histórico, isto é, um inventário descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar (FERREIRA, 2002).

Em linhas gerais, o balanço era um gênero textual que retomava “ideias, autores e trabalhos anteriores, com o intuito de expor um percurso temporal, geralmente linear” (FREIRE, 2020, p.145). Não era uma mera enumeração descritiva de autores e obras, mas “uma operação de temporalização relativamente ampla da produção intelectual em apreço” (FREIRE, 2020, p.145). Não é sem razão que, para Denise Monteiro (2006), o uso desse gênero implicaria necessariamente numa abordagem que considerasse a “evolução”, os problemas e as perspectivas relativos à historiografia norte-rio-grandense. Dito de outro modo, fazer um balanço dessa historiografia significava avaliar criticamente “o que tem sido

<sup>2</sup> O texto da semana universitária da Universidade Regional do Rio Grande do Norte não foi publicado. Todavia, tive acesso ao texto original graças a Denise Mattos Monteiro que, gentilmente, permitiu sua digitalização.



produzido pelos historiadores em nosso Estado, mas principalmente sobre o nosso Estado” (MONTEIRO, 2006, p.51).

Nesse diapasão, Denise Monteiro dialogava diretamente com a perspectiva de historiografia defendida por José Roberto Amaral Lapa, um dos grandes especialistas em história da historiografia brasileira, a qual a definia como a “análise crítica do conhecimento histórico e historiográfico, e do seu processo de produção, reconhecendo, portanto, um conhecimento científico que se perfila pelos métodos, técnicas e leis da ciência histórica” (1981, p.19). Para José Roberto Amaral Lapa (1981), o exame historiográfico seria um procedimento da própria elaboração científica da história que se volta para si mesma, isto é, para uma reflexão crítica sobre a elaboração do conhecimento histórico. É por essa razão que o balanço, como um *modus operandi* do fazer historiográfico, implicava em uma temporalização da história, afinal, se fazia necessário “captar a profundidade do conteúdo das obras, da palavra, das ideias e da própria ação dos historiadores ao longo de sua vida”, buscando interpretar o seu significado, dando “numa visão de conjunto, a perspectiva da evolução dos estudos da História, dos rumos que até então seguiram e a projeção futura que podem ou não vir a assumir” (LAPA, 1981, p.24). Por esse ângulo, o balanço produzido pelos historiadores e pelas historiadoras do presente pressupunha, simultaneamente, uma reflexão sobre o passado, mais especificamente, o passado da história, e uma perspectiva futura, um futuro da história.

Dialogando com essa concepção de historiografia, Denise Monteiro compreendia que o balanço tratava-se de apontar caminhos, partir do “velho para engendrar o novo”, ou seja, “buscar a renovação dos estudos e pesquisa na área de História, a partir de diagnósticos que nos permitam pensar novos temas, problemas e metodologias a serem desenvolvidas” (MONTEIRO, 2006, p.51). Por esse prisma, o gênero balanço historiográfico não era tão-somente um olhar crítico ao passado construído, mas uma forma de evidenciar possíveis caminhos de intervenção do historiador e da historiadora no presente, para que o conhecimento histórico *no* e *sobre* o estado do Rio Grande do Norte pudesse ser revisitado sob o signo da renovação.

Na prática, partir do velho para o novo significava, para Denise Monteiro, estabelecer uma narrativa cronológica da “evolução” historiográfica sobre o passado da história norte-rio-grandense em direção ao presente, elencando no tempo os membros da comunidade acadêmica que se dedicaram a escrita da história do Rio Grande do Norte, partindo desta construção para interpretar os seus significados. É preciso esclarecer, contudo, que a noção de “evolução” é caudatária do conceito moderno de história assentado numa visão teleológica de tempo, em que o futuro cumpriria um objetivo expectado do passado, dito de outra maneira, um tempo orientado, dotado de um sentido histórico, no qual o depois procura a razão do antes (HARTOG, 2017; PROST, 2020). Dessa maneira, o termo “evolução” – empregado no conceito moderno de história – pressupõe uma certa ideia de progresso que supostamente urdiria o elo entre passado-presente-futuro, sugerindo uma continuidade de percurso a ser realizado no tempo (KOSELLECK, 2013). É preciso registrar que a historiadora Denise Monteiro não partilha dessa visão historicista de história. Todavia, ao utilizar o termo “evolução”, a historiadora endossa uma perspectiva linear e progressista em relação ao conhecimento histórico.

Denise Monteiro entende que o novo não é uma realização do velho, ou melhor, uma consecução do *télos*; pelo contrário, a historiografia renovada é um movimento de ruptura com o que ela denominou de “historiografia clássica”. Nesse sentido, a historiadora parece



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

desconsiderar a existência da simultaneidade do velho e do novo.

Em um dos seus ensaios sobre crítica literária, T. S. Eliot (1989) chama a atenção para o fato de que os escritores escrevem não somente com a própria geração a que pertencem seus ossos, mas também com a tradição que o antecedeu, constituindo uma ordem simultânea entre passado e presente. Da poesia à escrita da história, um texto nunca é uma manifestação linguística totalmente presentista. Dessa forma, a categoria “evolução” é bastante problemática, uma vez que estabelece uma continuidade em um percurso que pode ser assinalado tanto por rupturas em relação passado, como também por retornos.

A partir do termo “evolução”, Denise Monteiro estabelece uma classificação dos acontecimentos na ordem do tempo e uma periodização. Seu balanço foi um dos primeiros esforços de temporalização da história da historiografia do Rio Grande do Norte. Dessa maneira, a historiadora dividiu essa “evolução” em três fases distintas: a) a “historiografia clássica”; b) a historiografia produzida pelos professores da UFRN no final dos anos 1970 e início dos anos 1980; e c) a iniciada nos anos 1990.

### A “historiografia clássica”

A primeira fase, denominada de “clássica”, corresponde aos primeiros setenta anos do século XX, caracterizada pela produção dos sócios do IHGRN e pela publicação das “obras seminais”, isto é, as escritas da “História do Rio Grande do Norte” de Tavares de Lyra (1921), Rocha Pombo (1922) e Luís da Câmara Cascudo (1955). Toda a historiografia potiguar anterior ao IHGRN é solenemente silenciada, a despeito dos elementos de continuidade que os sócios do Instituto mantiveram com a memória histórica elaborada pelos historiógrafos norte-rio-grandenses do século XIX, como Manoel Ferreira Nobre<sup>3</sup> e Alberto Maranhão<sup>4</sup> (COSTA, 2017). Denise Monteiro não expressou a razão desse silenciamento. É possível aventar que ela tenha se detido na historiografia elaborada pelo IHGRN e dos autores das “obras seminais” devido ao papel central que estes tiveram na formação da memória histórica norte-rio-grandense, muito embora, essa construção já estivesse sendo formulada desde a segunda metade do século XIX (COSTA, 2017).

Do ponto de vista da matriz teórica, essa “historiografia clássica”, segundo Denise Monteiro (2006), assentava suas bases nas concepções de história típicas da cultura histórica oitocentista. Era uma escrita da história comprometida com a formação de uma certa identidade norte-rio-grandense e profundamente matizada pelo pensamento conservador (MONTEIRO, 2006).

Em linhas gerais, uma historiografia assinalada por:

uma visão de sociedade esvaziada de conflitos sociais; uma visão de política como atividade exclusiva das elites; a recorrência, como tema dos estudos, de determinados fatos históricos enobrecedores, nos quais celebravam-se certos personagens históricos que deles participaram; a predominância da descrição sobre a interpretação, originando uma histórica crônica ou factual; e a ausência do que nós chamamos hoje de rigor

<sup>3</sup> Manoel Ferreira Nobre escreveu a considerada primeira história do Rio Grande do Norte, intitulada “Breve Notícia sobre a província do Rio Grande do Norte (1877).

<sup>4</sup> Alberto Maranhão, sócio fundador do IHGRN, publicou “O Rio Grande do Norte – ensaio histórico” (1898). Esse texto foi a primeiro esforço de construir um lugar para o Rio Grande do Norte na memória histórica nacional.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

metodológico, especialmente no que diz respeito à ausência de informações sobre a base documental desses estudos. (MONTEIRO, 2006, p.52)

Entre muitas acepções possíveis para o termo “clássico”, talvez, um dos seus significados, apontados por Ítalo Calvino, que mais se aproxima do sentido empregado por Denise Monteiro para nomear essa historiografia, seja “aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (1993, p.15). É a ressonância das visões de mundo e das leituras de história que essa escrita da história construiu e que continua a encontrar eco no universo beletrista norte-rio-grandense que a faz “clássica”. Nesse entendimento, essa historiografia espelharia o próprio conservadorismo de parte da sociedade potiguar, especialmente de suas elites políticas e intelectuais, que foram convocadas, desde a fundação do IHGRN em 1902, a escrever a história do Rio Grande do Norte (COSTA, 2017). Se as obras clássicas, segundo Ítalo Calvino (1993), servem para entender o que somos e aonde chegamos, a “historiografia clássica” norte-rio-grandense, para Denise Monteiro, possibilita a compreensão dessa cultura histórica até então vigente. É justamente em oposição a esses modos de pensar e fazer história, incompatíveis com a atualidade do saber histórico acadêmico, que a história regional elaborada pela historiadora ao longo de sua trajetória acadêmica, se colocou ao longo de sua carreira como docente da UFRN. E para distinguir essa produção da anterior, o uso do conceito de renovação foi central. Mas sobre esse ponto em particular, retornarei mais à frente.

### **Da promessa de um avanço à concretização da renovação: segunda e terceira fases da historiografia norte-rio-grandense**

Para Denise Mattos Monteiro (2006), a segunda fase da historiografia norte-rio-grandense iniciara-se na virada da década de 1970 para os anos 1980, marcada pelo surgimento da produção acadêmica dos docentes do DHI da UFRN. Nessa fase, a autora estabelece uma nítida distinção entre a elaboração do saber especializado advindo da Universidade a partir dos acadêmicos frente ao conhecimento histórico construído pelos historiadores da historiografia “clássica”. Essa forma de opor a cultura acadêmica a outra considerada não especializada não é uma invenção de Denise Monteiro.

Na cena intelectual brasileira, essa oposição já se fazia presente pelo menos desde os anos 1940 e 1950, especialmente, no campo da crítica literária, em que o exercício do comentário literário começou ser regulado por uma outra racionalidade, a qual o esforço de qualificar ou desqualificar os que se dedicam a ele, passou a ser feito “segundo critérios de ‘competência’ e ‘especialização’ originários da universidade” (SÜSSEKIND, 1993, p.18). Portanto, a retórica da diferença operacionalizada por Denise Monteiro é caudatária dessa percepção muito anterior a ela, que pusera de forma assimétrica o saber acadêmico e o conhecimento elaborado pelos diletantes. Dessa maneira, o saber histórico construído pelos professores acadêmicos seria superior, mais evoluído, em relação à criação dos historiadores da “historiografia clássica”.

No entanto, aqui vale fazer uma ressalva importante: a ideia de produção acadêmica utilizada por Denise Monteiro se restringe aos trabalhos realizados por professores e professoras da Universidade no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*: mestrado e doutorado.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Quadro 1 – Titulação (pós-graduação) dos docentes do DHI da UFRN no ano de 1988

<b>Docente</b>	<b>Titulação (pós-graduação)</b>
<b>Alberto Pinheiro de Medeiros</b>	Especialização
<b>Ana Emília Melo Cortez</b>	-
<b>Avani Rodrigues Policarpo Nóbrega</b>	-
<b>Carlos Jussier Trindade dos Santos</b>	-
<b>Cláudio Augusto Pinto Galvão</b>	Especialização
<b>Claudionor Barroso Barbalho</b>	Especialização
<b>Denise Monteiro Takeya<sup>5</sup></b>	Mestrado
<b>Fausto Pinheiro Neto</b>	-
<b>Francisco Adalberto Nóbrega</b>	-
<b>Geraldo Batista de Araújo</b>	-
<b>Hélio Dantas</b>	-
<b>Iramar Soares de Araújo</b>	Especialização
<b>Jaci Silva do Nascimento</b>	-
<b>João Batista Ferreira da Silva</b>	-
<b>João Wilson Mendes Melo</b>	-
<b>José Geraldo de Albuquerque</b>	Mestrado
<b>Magnus Gadelha Fernandes</b>	Especialização
<b>Márcia Maria Lemos de Souza</b>	Mestrado
<b>Maria das Graças Brandão Soares</b>	-
<b>Maria Dione de Souza</b>	Especialização
<b>Maria Ferdinanda Silveira S. Cruz</b>	-
<b>Maria Jerusa Tinôco Bulhões</b>	Especialização
<b>Maria Leneide Câmara de Oliveira</b>	Mestrado
<b>Marlene da Silva Mariz</b>	Mestrado
<b>Mariza Moura de Miranda</b>	Mestrado
<b>Tarcísio da Natividade Medeiros</b>	-
<b>Wicliffe de Andrade Costa</b>	Mestrado

Fonte: quadro elaborado pelo autor<sup>6</sup>

Essa observação se faz necessária, tendo em vista que muitos membros do corpo docente do DHI da UFRN, à época, não eram mestres nem doutores. Como se pode observar no quadro acima, dos vinte e sete professores que compuseram o corpo docente do DHI no final década de oitenta, apenas sete possuíam pós-graduação *stricto sensu*. Além

<sup>5</sup> Com o divórcio, a professora Denise Mattos Monteiro retirou o sobrenome Takeya. Ao longo desse texto, irei tratá-la pelo seu nome atual.

<sup>6</sup> Dados recolhidos dos históricos funcionais do setor de acervo funcional do Departamento de Administração de Pessoal (DAP), da Pró-reitora de Gestão de Pessoas (PROGESP) da UFRN e do Manual informativo do curso de História da UFRN de 1988.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

disso, alguns deles faziam parte do IHGRN – tais como: os professores Hélio Dantas, João Wilson Mendes, Tarcísio Medeiros e Cláudio Augusto Galvão – como publicavam artigos em sua revista – obedecendo as regras de produção do conhecimento histórico definidas pela agremiação, portanto, dentro do escopo das concepções de história da “historiografia clássica” (NOBRE, 2023). Logo, consoante Denise Mattos Monteiro, a segunda fase da historiografia norte-rio-grandense não fazia referência ao trabalho coletivo do DHI da UFRN, mas sim, à elaboração de dissertações de mestrado defendidas por quatro docentes em particular: Marlene Mariz, Márcia Maria Lemos de Souza, Wicliffe de Andrade Costa e a própria Denise Monteiro.

Quadro 2 – Dados referentes aos primeiros docentes mestres do DHI da UFRN

<b>Docente</b>	<b>Título da dissertação</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano de defesa</b>	<b>Orientador</b>
<b>José Geraldo de Albuquerque</b>	“Henrique Castriciano de Souza (Um reformador social)”	UFPE	1982	Mario Márcio de Almeida Santos
<b>Maria Leneide Câmara de Oliveira</b>	“Saúde e História: estudo de micro regiões do Rio Grande do Norte”	PUC-SP	1982	Yvone Avelino Dias
<b>Mariza Pinheiro de Moura</b>	“O Histórico no teatro político de Aristófanes”	UFPE	1982	Armando de Albuquerque Souto Maior
<b>Marlene da Silva Mariz</b>	“1930-1934. A Revolução de 30 no Rio Grande do Norte”	UFPE	1982	Marc Jay Hoffnagel
<b>Denise Mattos Monteiro</b>	“Um outro Nordeste: o algodão na economia do Rio Grande do Norte (1880-1915)”	PUC-SP	1983	Estefânia Knotz Canguçu Fraga
<b>Márcia Maria Lemos de Souza</b>	A política econômica salineira e o Rio Grande do Norte (1965-1974)	PUC-SP	1988	Helena Fanganiello
<b>Wicliffe de Andrade Costa</b>	A implantação do protestantismo no Rio Grande do Norte (1879-1908)	UFPE	1988	Marc Jay Hoffnagel

Fonte: quadro elaborado pelo autor<sup>7</sup>

De acordo com ela, a produção acadêmica dos quatro professores representava um avanço intelectual “ou pelo menos a promessa de um avanço, com a possibilidade de renovação do conhecimento histórico, através do desenvolvimento de novos temas e problemáticas e da preocupação com o rigor teórico-metodológico nas pesquisas” (2006, p.52). No entanto, algo chama atenção: o silenciamento em relação aos trabalhos dos professores José Geraldo de Albuquerque, Maria Leneide Câmara de Oliveira e Mariza Pinheiro de Moura que defenderam suas dissertações de mestrado também na década de 1980. Os três trabalhos foram desenvolvidos nas mesmas universidades que os outros professores mencionados por Denise Monteiro.

<sup>7</sup> Dados recolhidos do site: [www.historiografia.com.br](http://www.historiografia.com.br)



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Como se pode averiguar no quadro 2, com exceção do trabalho de Mariza Pinheiro de Moura: *O Histórico no político de Aristófanes* (1982), as outras duas dissertações tomaram o Rio Grande do Norte como objeto de pesquisa. Se foram escritas em universidades comuns aos outros mestres do DHI (PUC-SP e UFPE) e tiveram a história norte-rio-grandense como foco de investigação, por que, então, não foram considerados pela historiadora, como pesquisas que renovaram a historiografia potiguar?

Todo processo de estabelecimento de uma memória disciplinar, da qual a elaboração de um balanço historiográfico é um exemplo, está implicado, necessariamente, em uma operação ambivalente de lembrança e de esquecimento (RICŒUR, 2007). Obviamente, a professora Denise Monteiro tinha conhecimento dessas dissertações, portanto, esse esquecimento/silenciamento não é, meramente, fruto de um lapso de memória. Pode-se aventar que esse silenciamento e/ou esquecimento tenha a ver com a abordagem teórico-metodológica ou a temática escolhida pelos professores. De fato, as dissertações de José Geraldo de Albuquerque e Maria Leneide Câmara de Oliveira estavam voltadas para campos de pesquisa – biografia e medicina popular, respectivamente – que não eram tão estimados por alguns historiadores brasileiros das décadas de 1970 e 1980, muito em função da preponderância dos estudos em história política, história social e história econômica. Talvez, a autora desconsiderasse a relevância dessas temáticas de pesquisa para o que ela chamou de renovação da historiografia norte-rio-grandense. O gesto de não referenciar as dissertações dos seus colegas de departamento, como marcadores do avanço intelectual dessa historiografia, pode demonstrar uma certa forma de desprestígio quanto às obras dos respectivos autores.

Para a professora Denise Monteiro, a despeito do avanço, a segunda fase não conseguiu estabelecer uma renovação profunda. O projeto de um trabalho coletivo foi “abortado”, posto que os mestres do DHI não continuaram desenvolvendo pesquisas científicas – com exceção da própria autora que prosseguiu com sua pesquisa, tornando-se a primeira docente do departamento a obter o título de doutorado em História – tese defendida no Programa de Pós-graduação em História da USP em 1992, sob a orientação de Edgar Carone, intitulada *Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil*.

Conforme Denise Monteiro (2006), a renovação da historiografia norte-rio-grandense só começava a se concretizar efetivamente na terceira fase, iniciada nos anos 90. Consoante a professora, nesse período ocorreram dois movimentos: o primeiro, vinculado à chegada de novos docentes ao DHI da UFRN, por meio de concursos públicos, e o segundo, a geração de egressos do curso de história da UFRN que escreveram dissertações de mestrado que tomavam o Estado como objeto de estudo da História (MONTEIRO, 2006). No que se refere ao primeiro, o que poderia ser percebido apenas como uma renovação no quadro de professores do DHI da UFRN na década de 1990 – com a chegada de novos docentes – foi considerado como um marcador de uma nova.

E aqui cumpre fazer duas observações importantes: a primeira, é a centralidade dada à produção acadêmica da UFRN, o que excluía, por exemplo, o corpo docente do departamento de história da UERN<sup>8</sup>; e a segunda, o destaque conferido às duas dissertações escritas pelos orientandos de Denise Monteiro: o trabalho de Muirakytan

<sup>8</sup> Na década de 90, havia apenas três cursos de graduação em História no estado do Rio Grande do Norte: o da UFRN, situado no campus central em Natal; o do CERES (UFRN), em Caicó; e o da UERN, no campus central em Mossoró.



Macedo intitulado “A penúltima versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense (1998)”, defendida no programa de pós-graduação em ciências sociais da UFRN; e o de Henrique Alonso, cujo título é “O homem da esperança: uma experiência populista no Rio Grande do Norte-1960-1966” (1996), desenvolvido no programa de pós-graduação em história da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – ambos à época, professores efetivos do departamento de história do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), da UFRN. Portanto, para Denise Monteiro, a renovação da historiografia norte-rio-grandense foi um movimento centrado na produção intelectual de alguns docentes cuja formação passava, necessariamente, pela pós-graduação *stricto sensu* e oriundo de um lugar social específico: a UFRN.

A historiadora conclui seu “balanço historiográfico” destacando dois desafios a serem enfrentados pela comunidade de historiadores do Rio Grande do Norte à época: o primeiro, construir coletivamente uma visão sistematizada da história do Estado sob nova perspectiva; e a segunda, “encontrar os mecanismos que possam traduzir para o ensino fundamental e médio (...) o conhecimento produzido pelas novas pesquisas” (2006, p.54). Para ela, esses desafios passavam, obrigatoriamente, pelo processo de renovação, em outras palavras, pelo rompimento em relação às visões do passado elaboradas pela “historiografia clássica”. Para esse entendimento, renovar significava afirmar-se frente a uma concepção de história e de sociedade, ao qual se queria romper e/ou se contrapor. Daí o duplo papel de sistematizar o que foi construído pelo saber histórico produzido no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*, e transpor esse conhecimento para o ensino básico.

### Considerações finais

Ao longo de sua carreira acadêmica, Denise Monteiro esteve comprometida em renovar o saber histórico sobre o Rio Grande do Norte. Por essa razão, compreendia que a pesquisa acadêmica seria o caminho para que o conhecimento histórico, produzido na Universidade, fosse socialmente disseminado. Para ela, a renovação da história do Rio Grande do Norte era, portanto, capilar: deveria começar pela Universidade e atingir a sociedade, iniciando-se no ensino superior e alcançando o chão da escola. Em outros termos, a autora está se valendo de uma concepção de educação assentada na ideia de transposição didática que não concebe a escola e os docentes do ensino básico, como pesquisadores (CHEVALLARD, 2005). Nessa chave interpretativa, a Universidade, mais precisamente, os programas de pós-graduação, é o *locus* da produção do conhecimento a ser ensinado pelas escolas.

Além de denotar um tipo específico de fazer científico, qual seja, aquele elaborado no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*, o conceito de renovação é pensado como um marcador fundamental da temporalização da história do Rio Grande do Norte e, por conseguinte, um elemento importante de distinção entre o que era tido como novo e o que era considerado tradicional/clássico na historiografia norte-rio-grandense.

Foi com o intuito de renovar a História do Rio Grande do Norte que Denise Monteiro dedicou parte de sua trajetória como docente na UFRN<sup>9</sup> e a totalidade de sua obra

<sup>9</sup> Escrevo “parte” porque a carreira acadêmica de Denise Monteiro não se resumiu à pesquisa e ao ensino de história do Rio Grande do Norte. Além de suas atividades laborais como professora, Denise Monteiro engajou-se politicamente, vindo a participar, por exemplo, das atividades promovidas pelo sindicato dos docentes.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

historiográfica. Contudo, para ela, essa renovação não poderia ser possível sem uma profissionalização dessa história, ou seja, uma escrita da história elaborada por historiadores profissionais, acadêmicos, inseridos no ambiente da pós-graduação *stricto sensu*. Daí a centralidade conferida à produção historiográfica dos professores do curso de História da UFRN, especificamente, os pós-graduados, como um marcador da renovação da historiografia norte-rio-grandense.

## REFERÊNCIAS

ANAIS DO I ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RN, 1., 2004. Anais. Natal: EDUFRN, 2006

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

CHEVALLARD, Yves. *La transposición didáctica: del saber sabio al saber enseñado*. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 2005.

COSTA, Bruno Balbino Aires da. *A casa da memória norte-rio-grandense: o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a construção do lugar do Rio Grande do Norte na memória nacional (1902-1927)*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2017

ELIOT, T. S. Tradição e talento individual. In: *Ensaio*. São Paulo: Art Editora, 1989.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas de “estado da arte”. *Educação & Sociedade*, Campinas, número 79, p. 257-272, 2002

FREIRE, Diego José Fernandes. *O passado da história: os historiadores e as historiadoras da Universidade de São Paulo e a história da historiografia brasileira na década de 1970*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2020

HARTOG, François. *Crer em História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017

KOSELLECK, Reinhart. História como conceito mestre moderno. In: KOSELLECK [et al.]. *O conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013

LAPA, José Roberto do Amaral. *A História em questão: historiografia brasileira contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1981

\_\_\_\_\_. *História e historiografia: Brasil pós-64*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Estudos brasileiros: v.87)

LOPES, Fátima Martins. Fontes para História do Rio Grande do Norte no IHGRN. In: ANAIS DO I ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RN, 1., 2004. Anais. Natal: EDUFRN, 2006



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

MARIZ, Marlene da Silva. Balanço da Historiografia norte-rio-grandense. In: ANAIS DO I ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RN, 1., 2004. Anais. Natal: EDUFRN, 2006

MONTEIRO, Denise Mattos. *História do Rio Grande do Norte: pontos para uma reflexão*. In: SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE REGIONAL DO RIO GRANDE DO NORTE. 1995. Não publicado.

\_\_\_\_\_. Balanço da historiografia norte-rio-grandense. In: ANAIS DO I ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RN, 1., 2004. Anais. Natal: EDUFRN, 2006

MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Ed.34, 2002

NOBRE, Clivya da Silveira. “Não houvesse no Brasil esses autodidatas precursores”: docentes e a produção do Ensino Superior de História no Rio Grande do Norte (1955-1991). Dissertação (mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007

ROCHA, Raimundo Nonato. Apresentação. In: ANAIS DO I ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RN, 1., 2004. Anais. Natal: EDUFRN, 2006

ROSENBERG, Harold. *A tradição do novo*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

SÜSSEKIND, Flora Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: \_\_\_\_\_. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

### Notas de autoria

Bruno Balbino Aires da Costa - Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), do Mestrado em Ensino de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. (ProfHistória/UERN) e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: bruno\_balbino@hotmail.com

### Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

COSTA, Bruno Balbino Aires da. O curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) sob o signo da renovação: um ensaio sobre o “balanço historiográfico” da professora Denise Mattos Monteiro e a temporalização da história da historiografia norte-rio-grandense. *Sæculum – Revista de História*, v. 30, n. 52, p. 112-124, 2025.

### Contribuição de autoria



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Não se aplica

**Financiamento**

Não se aplica

**Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica

**Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica

**Licença de uso**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

**Histórico**

Recebido em 28/01/2025

Aceito em 08/07/2025



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](#)